

EMANCIPAÇÃO HUMANA E PRÁXIS ACADÊMICA: uma análise pela extensão universitária

Patrícia Ramiro^{*}, Andréa Kochhann², Evandro Rosa de Araujo³, Pablinny Ribeiro Bonfim Lima⁴

¹*Acadêmica do curso de Matemática da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Jussara, Estudante (IC). patriciaramirocarlos@gmail.com ²Docente da UEG, doutoranda pela Universidade de Brasília, Pesquisadora (PG) e Extensionista (PE). ³Graduado e mestre em Letras, docente da UEG, Pesquisador (PG). ⁴ Acadêmica do curso de Matemática da UEG, Câmpus Jussara.

Resumo: Esse trabalho é reflexo de um projeto de Iniciação Científica, intitulado “EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pela práxis acadêmica” que se divide em quatro subprojetos, sendo que, o segundo deles resulta nesse trabalho, que investiga a pesquisa e a extensão universitária como práxis acadêmica. Esse tema faz parte das discussões do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). O objetivo geral dessa pesquisa foi discutir a emancipação humana e a práxis acadêmica propiciada pelas ações de extensão universitária influenciada pela pesquisa. Esta foi uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, documental e com pesquisa de campo, que tendeu ao método Materialismo Histórico Dialético. A extensão universitária, cujas atividades são obrigatórias no currículo de todos os cursos das Universidades, se planejada e efetivada pela concepção acadêmica pode favorecer a formação docente e a crítica, assim pode vir a possibilitar a emancipação humana.

Palavras-chave: Práxis Acadêmica. Emancipação Humana. Pesquisa Acadêmica. Extensão Universitária.

Introdução

A temática emancipação humana e práxis acadêmica já faz parte de estudos do GEFOPI, ao longo dos anos. Nesse momento está vinculada ao projeto de pesquisa “EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pelas práxis acadêmica”. Essa pesquisa se alicerça em cinco subprojetos. O segundo subprojeto visa discutir a pesquisa e extensão universitária enquanto práxis acadêmica. O segundo subprojeto apresenta o problema “Como a pesquisa e a extensão universitária possibilitam a práxis acadêmica?” Objetivo geral é discutir a pesquisa e a extensão universitária enquanto práxis acadêmica que possa viabilizar a emancipação humana.

Gramsci defende uma educação que possibilite uma formação que todos os homens tenham acesso ao conhecimento. Eis o papel da escola e da universidade. Na universidade a práxis pode vir a ser pela extensão e pesquisa.

A universidade brasileira é o espaço por excelência da pesquisa, conforme afirma Demo (2006). Para o autor a pesquisa somente tem sentido se revertido em ensino e em extensão. Caso contrário, é inócua. A extensão universitária não pode ser vista como uma parte meramente prática da universidade. Ela é envolta de intensidade teórica, advinda da pesquisa ou que propicia a pesquisa. Silva (2011) assevera que é importante distinguir que, como afirma Vazquez (1968) nem toda atividade prática pode ser

considerada práxis, mas toda práxis é uma prática. A extensão é uma práxis quando entendida como uma ação transformadora, com bases sólidas, tanto teórica quanto metodológica e permanente, de concepção processual-orgânica, como afirma Reis (1986). A extensão deve ser vista como as ações que visam à transformação social e também a transformação acadêmica, por meio das ações extensionistas, enquanto momento de prática pedagógica, de estágio não obrigatória, de prática semiprofissional.

Material e Métodos

A pesquisa tendeu ao Materialismo Histórico Dialético. A pesquisa foi qualitativa, bibliográfica, documental, com estado da arte e pesquisa de campo. O referencial teórico foi em Gramsci, Marx, Saviani, Reis, Jezine, Demo, e outros. O documento analisado foi o Plano de Desenvolvimento Institucional. A revisão de literatura foi em teses e dissertações, no banco de dados da CAPES, com o descritor de busca “Extensão Universitária”, com análise dos resumos e palavras-chave dos trabalhos encontrados e com análise das atividades de extensão realizadas no Câmpus Jussara.

Resultados e Discussão

A historicidade da extensão universitária é muito marcada com a prestação de serviços e assistencialismo, sendo necessário um novo modo de compreender as atividades extensionistas de forma processual e contínua. Segundo Melo Neto (2001, p. 55) “Os movimentos europeus de universidades populares, ou a extensão veiculada por eles, diferenciam-se substancialmente das versões americanas. Estas, em geral, resultaram da iniciativa oficial, enquanto aquelas surgiram de esforços coletivos de grupos autônomos em relação ao Estado”. Como diz Silva (2013, p. 120)

A prática histórica da extensão tem origem na concepção de universidade detentora do saber, único, verdadeiro, iluminado, que, por um lado, deveria ser transferido à população e, por outro, deveria ser colocado para assistir à população com o provimento de algum serviço. Esses modelos conceituais e institucionais receberam críticas e formulações de alternativas para o surgimento de uma extensão universitária mais engajada, dialogada e próxima da população excluída. As novas proposições pressupõem uma ação processual e contínua, não pontual, em que o conhecimento científico interaja com os demais saberes da população, em um diálogo permanente, visando à produção de conhecimentos e à apropriação para a resolução de problemas concretos das pessoas e de suas organizações.

A Extensão Universitária torna-se indissociável levando à sociedade tudo que fora descoberto por sua pesquisa. Fundamental que não seja engavetada, pois, só terá valor real quando revertida à sociedade. Saindo da teoria e partindo para a prática

profissional, Jezine (2002, p. 111) apresenta que “[...] a extensão nasce na perspectiva de ser elemento transformador da realidade [...]”. Sendo o diferencial do acadêmico, que é aquele que pesquisa e depois leva até a sociedade seus conhecimentos. Visto que há uma diferença entre universidade e faculdade, onde a universidade oferece a seus acadêmicos um tripé que se designa a ensino, pesquisa e extensão, segundo Miguens Jr e Celeste (2014, p. 9):

A extensão universitária foi representada como capaz de objetivar o fortalecimento da universidade, pela projeção da cultura universitária ao povo e pela maior preocupação com os problemas sociais nacionais. ‘[...] Os fundamentos deste pensamento estavam numa extensão universitária processual, comprometida com mudanças sociais, com vínculos ideológicos e pensada a partir da militância política dos docentes e discentes’.

Nesse viés afirma Botomé (1996) e Miguens Jr e Celeste (2014, p. 15) defendem:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico.

Com base no Forproext (2012, p. 18):

No que se refere à relação Extensão e Ensino, a diretriz de indissociabilidade coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. Na relação entre Extensão e Pesquisa, abrem-se múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade. Visando à produção de conhecimento, a Extensão Universitária sustenta-se principalmente em metodologias participativas, no formato investigação-ação (ou pesquisa-ação), que priorizam métodos de análise inovadores, a participação dos atores sociais e o diálogo.

]

A UEG assume a extensão como uma das dimensões da vida acadêmica, como uma forma de vivenciar o processo ensino-aprendizagem além dos limites da sala de aula, articulando a Universidade às diversas organizações da sociedade, numa enriquecedora troca de conhecimentos e experiências que favorece a visão integrada do social. Como está no PDI da Universidade Estadual de Goiás (2010/2019).

A produção intelectual do indivíduo será formada com muita dedicação, não sendo construída aos solavancos. Sousa (2000, p. 130) afirma que a práxis revolucionária é o papel da extensão na atualidade, sendo um instrumento transformador do real, pois:

A práxis revolucionária é o fundamento e a finalidade do conhecimento; um conhecimento que o homem produz ao produzir as condições necessárias à sua existência, através do trabalho. O ponto de partida, portanto, para elaboração do conhecimento, são os homens, em sua atividade, em seu trabalho, no interior das relações sociais que eles geram.

Com uma visão crítica e um conceito formado sobre extensão universitária Jezine (2004, p. 4) lembra Botomé (1996) enquanto prática assistencialista, pois assim substitui a função do estado e não cumpre com sua função acadêmica, em que:

A crítica dos autores centra-se na extensão que evoca a si responsabilidades de intervenção extramuros a partir do argumento do “compromisso social” da universidade, muitas vezes substitutivos da ação governamental. Refere-se à influência do modelo americano de extensão cooperativa, incorporada à prática universitária como prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, conferências e serviços técnicos e assistenciais.

Na concepção de Jezine (2004, p. 4) que argumenta e defende como perspectiva da extensão acadêmica é que:

O trabalho da extensão universitária numa perspectiva acadêmica pretende assim, ultrapassar o limite da ciência técnica, do currículo fragmentado e da visão de homem como objeto a ser manipulado, encaminhando-se para uma visão multidimensional, em que as dimensões político-social-humana estejam presente na formação do sujeito, concebido como ser histórico.

É necessário compreender a importância da extensão, tanto a sociedade quanto a universidade, assimilando as atividades extensionistas como um processo contínuo. A práxis revolucionária fundamenta a finalidade do conhecimento. Este conhecimento que o homem elabora para as suas necessidades para a sua existência através do trabalho.

Para que haja uma transformação do indivíduo, tornando-o crítico, capaz de tomar decisões por si só e analisar situações que serão ou não favoráveis, podem conduzi-lo a emancipação. Por isso Demo (1996) defende que a extensão deve partir da pesquisa, para dar sentido teórico do que se está praticando, bem como a pesquisa somente tem sentido se estiver aliada ao ensino e a extensão, em um processo educativo e científico. Como Demo afirma (1996, p. 16) “Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como *princípio educativo* que é, na base de qualquer proposta emancipatória”. A pesquisa como princípio científico enquadra a qualquer interesse, político, social, religioso, educacional, da paz ou da guerra, é transformador o conceito ao assunto pesquisado e uma conquista do conhecimento seja em qualquer aspecto. Assim como princípio científico e como diálogo Demo (1996, p. 42) afirma que:

a) pesquisa como princípio científico e educativo faz parte integrante de todo

processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico auto-suficiente, crítico e auto-crítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto; b) pesquisa como diálogo é processo cotidiano, integrante do ritmo da vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução; na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente.

Sendo fundamental que o acadêmico faça pesquisa para que possa ampliar seus conhecimentos, e doravante realizar ações extensionistas. A pesquisa deve se consolidar como diálogo ou como princípio científico. Demo (1996, p. 36), assevera que:

Pesquisa deve ser vista como processo social que perpassa toda vida acadêmica e penetra na medula do professor e do aluno. Sem ela, não há como falar de universidade, se a compreendermos como descoberta e criação. Somente para ensinar, não se faz necessária essa instituição e jamais se deveria atribuir esse nome a entidades que apenas oferecem aulas. Ainda que esse tipo de oferta possa existir em seu devido lugar, não pode ser misturada com aquela instituição que busca a sua principal razão de ser na pesquisa. Na ciência, o primeiro princípio é pesquisa.

Nesse viés Jezine (2002, p. 101) apresenta que “A melhoria da qualidade de ensino encontra sua base na pesquisa, como atividade de descoberta e inovação. Daí decorre a necessidade de pensar a pesquisa em íntima relação com o ensino voltado para a realidade social.”. Possibilitando assim a indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão, favorecendo para uma prática mais crítica e emancipadora.

Dentre as dissertações e teses da CAPES, foram encontrados 58 trabalhos com o descritor “Extensão Universitária”, conforme Quadro n.01.

Quadro n. 01 - Trabalhos da CAPES

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
Educação	33	10	43
Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica	-	1	1
Ensino e Aprendizagem	8	-	8
Educação Escolar	2	1	3
Formação de Professores	1	-	1
Total	46	12	58

Elaboração: Kochhann (2017)

Tendo analisados os 58 trabalhos nas áreas de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica; Ensino e Aprendizagem; Educação Escolar e Formação de Professores, no período de 2013 a 2016, estando disponível por completo na plataforma Sucupira, sendo analisado título, palavras-chave e resumo, abrangendo encontrar nos trabalhos a discussão relacionada a extensão universitária a formação de professores, totalizando 8 trabalhos, conforme quadro n.02.

Quadro n. 02 – Análise dos trabalhos da CAPES

ÁREA	TOTAL	ANÁLISE
Educação	43	4
Educação, sociedade e Práxis pedagógica	1	1
Ensino e Aprendizagem	8	1
Educação Escolar	3	1
Formação de professores	1	1
Total	58	8

Elaboração: Kochhann (2017)

Os 8 trabalhos encontrados, foram analisados de maneira mais complexa, visando compreender como esse processo foi discutido e encontrar os limites e perspectivas, bem como as lacunas na discussão quanto às concepções, os sentidos e as construções da formação docente pela extensão universitária. Para essa análise mais detalhada levamos em conta o trabalho completo e organizamos uma síntese com base no objeto, no problema, na metodologia, no referencial teórico e nas principais considerações. A apresentação de cada trabalho está no Quadro n.03.

Quadro n. 03 – Apresentação dos trabalhos da CAPES.

EDUCAÇÃO				
ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE
2015	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: o caso Projeto Rondon na UFRGS e na UDESC CASTRO,	Aline Tamires Kroetz	Formação Política. Universidade Pública. Extensão Universitária. Projeto Rondon.
2015	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	UNIVERSIDADE E ESCOLA BÁSICA: O Papel Da Extensão Universitária Na Formação De Professoras E Professores Em Educação Científica	ABREU, Sandra Cristina Souza Reis	Educação Científica, Teoria Crítica, Extensão Universitária, Mão na Massa, Ensino Fundamental, Química Verde
2013	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	A EXPERIÊNCIA COMO PRÁTICA FORMATIVA DE ESTUDANTES NA EXTENSÃO	CUNHA, Ana Luiza Salgado	Experiência; Extensão Universitária; Formação Discente
2013	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	FORMAÇÃO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE: possibilidades a partir (con) vivências na extensão/UFRGS	ZIRGER, Juliana	Política Educacional, Universidade, Extensão
EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁXIS PEDAGÓGICA.				
ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE
2013	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS ENTRELAÇOS DE SABERES	JUNIOR, Alcides Leao Santos	Extensão. Universitária. Comunidade e universidade
ENSINO E APRENDIZAGEM				
ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE
2014	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA	AS CONTRIBUIÇÕES DA EX-TENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM, PRÁTICA DA CIDADANIA E EXERCÍCIO PROFISSIONAL.	DUARTE, Jacildo Da Silva	Aprendizagem, Atuação Profissional, Cidadania, Extensão Universitária, Projeto de Extensão.
EDUCAÇÃO ESCOLAR				
ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE
2014	UNIVERSIDADE DE	A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	OTALARA,	Educação especial.

	EST. PAU-LISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQU ARA	PARA O TRABALHO COM DEFICIENTES VISUAIS: Uma Experiência Inicial De Colaboração A Partir Do Desenvolvimento De Materiais Didáticos	Aline Piccoli	Formação de professores. Deficiência visual. Colaboração. Material didático
FORMAÇÃO DE PROFESSORES				
ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR	PALAVRAS-CHAVE
2014	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E SABERES DOCENTES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: Análise De Uma Experiência No Espaço Hospitalar	RABELO, Francy Sousa	Educação Não Escolar. Formação inicial do pedagogo. Saberes Docentes. Atendimento Escolar Hospitalar

Elaboração: Kochhann (2017)

Dos 8 trabalhos analisados é possível apresentar que encontra-se alguns pontos que abordam a formação docente no processo inicial, mas de forma rasa. O que fica mais evidente é a socialização das ações extensionistas, as quais podem ser percebidas mais como prestação de serviço ou assistencialismo, do que formação acadêmica. Com esse cenário é possível inferir que os trabalhos encontrados não possibilitam dizer como as ações possibilitam a práxis acadêmica.

Nossa proposta primou por discutir a extensão universitária no Câmpus Jussara da UEG, buscando analisar como as ações extensionistas possibilitam a práxis acadêmica advinda da pesquisa. Em 1999 a Universidade Estadual de Goiás¹ foi criada com sede em Anápolis associada a outras instituições públicas de Ensino Superior espalhadas pelo estado. Atualmente conta com 41 (quarenta e um) câmpus ofertando 138 (cento e trinta e oito) cursos de graduação, baseados em 9 (nove) princípios, dentre eles a 'Indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão'.

No ano de 2016, houve 640 (seiscentos e quarenta) ações de extensão (eventos, cursos e projetos) em diversas áreas, segundo informações da revista da UEG², que anuncia também um compromisso da universidade com a comunidade, para a difusão dos conhecimentos construídos. No entanto o que se pode observar é uma estratégia de marketing da instituição, pois é um número alto de ações, o que demonstra questões quantitativas e levanta questionamentos quanto à qualidade das mesmas, principalmente no sentido de acompanhamento e avaliação destas.

A UEG, por ser uma instituição de ensino superior pública, é regida por normas e estatutos que exigem e fundamentam as ações acadêmicas. O regimento geral da UEG em seu artigo 121 afirma: "A extensão universitária da UEG estará alinhada com a Política Nacional de Extensão (PNE) e seus eixos integradores". Por sua vez o PNE

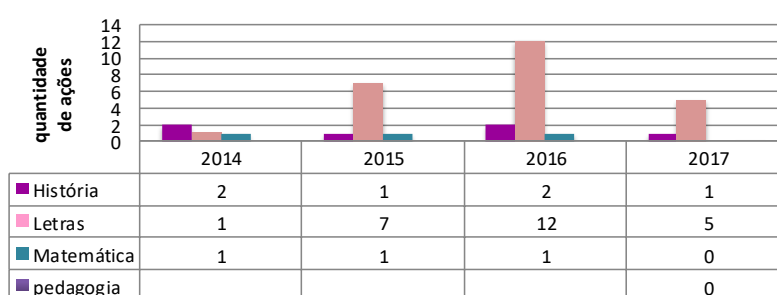
¹ Informações do site http://www.ueg.br/conteudo/663_missao, acesso em 14 de maio de 2017.

² Página de acesso a revista da UEG online <http://www.ueg.br/aditivo/revista/?funcao=visualizar&variavel=29> acesso em 14 de maio de 2017

caracteriza a extensão como ação acadêmica que permite a conexão do ensino com a pesquisa, processual e acadêmica e como componente curricular, relacionando a universidade com a sociedade. Eis que a extensão universitária da UEG deve seguir a concepção acadêmica e não de assistencialismo e prestação de serviços.

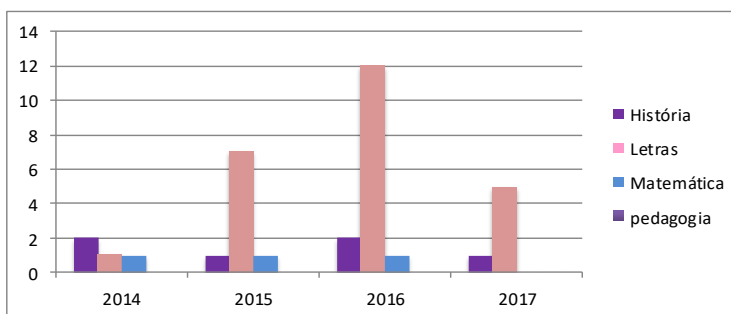
O Câmpus Jussara, é um dos 41 Câmpus da UEG. No ano de 2017 conta com 4 (quatro) cursos de licenciatura: Letras, Matemática, História e Pedagogia. Investigamos as ações extensionistas realizadas desde o ano de 2014, para analisar o desenvolvimento das atividades extensionistas, mas com o foco principal no curso de matemática, conforme gráfico 01.

Ações Extensionistas na UEG, Câmpus Jussara



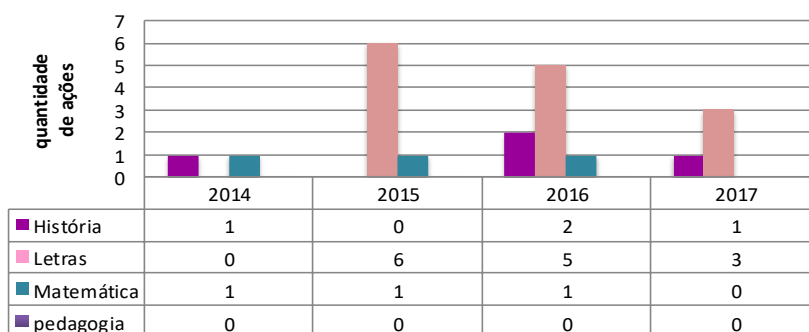
Elaboração: Lima (2017)

O período de 2014 foi escolhido com base no tempo em que as autoras estão no ambiente acadêmico, do curso de Matemática, da UEG Câmpus Jussara. As informações do gráfico revelam que o curso de Letras está com o maior número de atividades extensionistas, totalizando 25 (vinte e cinco) ações, seguido pelo curso de História com 6 (seis) ações e Matemática com apenas 3 (três) ações, durante um período de 4 (quatro) anos. As ações extensionistas aqui apresentadas, são de eventos, cursos e projetos, conforme Gráfico 02.



Elaboração: Lima (2017)

Projetos Extensionistas na UEG, Câmpus Jussara



Se essas ações forem apresentadas pelos projetos, teremos a representação conforme Gráfico 03.

Elaboração: Lima (2017).

Mediante a análise dos três quadros percebe-se que os números maiores das ações extensionistas são do curso de Letras. Além disso, muitas ações dos cursos são de eventos e cursos, caracterizando a extensão enquanto assistencialismo e prestação de serviços de forma eventista-inorgânica, conforme Reis (1989). Ao analisar o título das ações percebe-se que muitas se aproximam de uma pesquisa e não de uma ação extensionistas, o que pode indicar um equívoco conceitual ou até mesmo uma indissociabilidade com a pesquisa. Para desvendar essa questão seria preciso uma análise profunda das ações, tanto escrita quanto práticas, podendo ser nova pesquisa.

Como o foco principal é o curso de Matemática, nos atentaremos a análise dos projetos vinculados a esse curso. O curso de Matemática registrou na Plataforma Pégasus, na UEG, em 2014 o projeto “Oficinas de Matemática Para Professores de Matemática da 2ª Fase do Ensino Fundamental na Rede Pública Estadual em Jussara, GO”, em 2015 registrou o projeto “Minicursos em Educação Matemática”, em 2016 renovou o projeto “Minicursos em Educação Matemática”, em 2017 não lançou nenhum projeto. Pela análise do resumo do projeto de 2015/2016 que fica disponível na Plataforma Pégasus, a justificativa exalta a importância de desenvolver atividades extensionistas, mas não apresenta a concepção, e propõe o desenvolvimento de minicursos, porém não esclarece o público alvo das ações. O que se pode observar é que a proposta não se baseou em uma solicitação da comunidade e apesar da tentativa de suprir a escassez das ações extensionistas no curso. Não foi executado em 2016, pois a professora do projeto não pode efetivá-lo, porque permaneceu na instituição até o mês de março, momento ao qual pretendia iniciar as atividades até o mês de dezembro.

Afirma-se diante das análises que o curso de Matemática não se envolve com ações extensionistas, implicando certo desatendimento à legislação e curricularização no tocante a formação docente pelas vias da extensão. Isso implica que os professores e gestores do curso precisam discutir não somente a concepção de extensão universitária, mas, também a sua importância na formação docente para além da obrigatoriedade da mesma. Eis pontos preocupantes na formação docente deste locus.

Considerações Finais

Ao discutir sobre como a pesquisa e a extensão universitária possibilitam a práxis acadêmica esbarramos em questões de várias ordens, como por exemplo, questões conceituais e institucionais. Uma ação extensionista para ser considerada práxis acadêmica precisa apresentar uma concepção acadêmica de aprendizagem pela indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão, bem como produção científica, que

viabilize a consciência crítica do acadêmico, para que possibilite suas ações no coletivo vislumbrando as mudanças sociais. Para tal, os pares da academia precisam conhecer as questões conceituais da extensão universitária. Quanto aos aspectos institucionais, chamamos a atenção no tocante que não basta legalizar a extensão nos documentos oficiais da instituição. É preciso compreender como essa legalização se fará presente de fato no processo formativo, caso contrário é apenas um processo de escrita curricular e não de fazer curricular, distanciando a teoria da prática, dificultando o processo de práxis acadêmica e afastando a possibilidade de emancipação.

Agradecimentos

Agradecemos a UEG e a PrP pela aprovação do projeto de pesquisa “EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pela práxis acadêmica”.

Referências

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa Alienada e Ensino Alienante: O Equívoco da Extensão Universitária**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JEZINE, Edineide Mesquita. **A crise da Universidade e o compromisso social da extensão universitária**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.

JEZINE, Edineide Mesquita. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004. In: <https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf>

JEZINE, Edineide Mesquita. **Universidade e saber popular: o sonho possível**. João Pessoa: Autores Associados/ Edições CCHLA: UFPB, 2002.

MIGUENS JR. Sérgio Augusto Quevedo e CELESTE, Roger Keller. **A extensão universitária**. 2014. In: [https://www.researchgate.net/publication/253645827_A_EXTENSAO_UNIVERSITARIA - Capitulo de Livro](https://www.researchgate.net/publication/253645827_A_EXTENSAO_UNIVERSITARIA_-_Capitulo_de_Livro)

SOUSA, Ana Luíza L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000

SILVA, Enio Waldir da. Fortalecendo a cultura cidadã dos estudantes – um dos papéis da extensão na universidade. In: SÍVERES, Luiz (Org.) **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber, 2013. In: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras**. 74 p. Apresentado no XXVI Encontro Nacional FORPROEXT (2009: Rio de Janeiro, RJ) e aprovado no XXXI Encontro Nacional de Manaus, AM. CDU 378.068(81),